

# HVMANITAS

---

**[Recensão a] SOARES, M. T. M., História e ficção em Paul Ricoeur e Tucídides**

**Autor(es):** Sebastiani, Breno Battistin

**Publicado por:** Imprensa da Universidade de Coimbra

**URL persistente:** URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/44783>

**DOI:** DOI:[https://doi.org/10.14195/2183-1718\\_72\\_10](https://doi.org/10.14195/2183-1718_72_10)

**Accessed :** 15-Sep-2019 14:22:58

---

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.





umanitas

72

tempo necessário para cumprir o caminho. Desta forma compreende-se melhor o princípio hodológico e o conceito de mapa mental desenvolvidos por Janni e seguido por numerosos investigadores, que não hesitam em inserir a sociologia e a psicologia no estudo da geografia e da cartografia, tão necessárias, elas próprias, ao estudo da história, como bem se depreende nesta justa homenagem.

VASCO GIL MANTAS

Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

vsmantas@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6109-4958>

[https://doi.org/10.14195/2183-1718\\_72\\_9](https://doi.org/10.14195/2183-1718_72_9)

SOARES, M. T. M., *História e ficção em Paul Ricoeur e Tucídides*, Coimbra, IUC, 2016, 641 pp. ISBN: Digital 978-989-26-1296-6<sup>1</sup>.

Recensão submetida a 18-10-2017 e aprovada a 21-01-2018

De entre os muitos feitos notáveis que se podem encontrar nessa obra monumental de rara fecundidade, destaca-se um que nos dias atuais beira o inimaginável: o de contribuir, com propriedade e igual densidade, com três campos tão distintos e específicos como sejam o dos estudos filosóficos, literários e historiográficos, assim cumprindo à risca o que se pode entrever no título. Resultado da tese de doutoramento do autor, defendida em 2011 (FLUC) e publicada pela primeira vez em 2013 (publicação esta reproduzida na edição online ora recenseada), o livro aprofunda problemáticas já trabalhadas em sua tese de mestrado (*Tempo, mythos e praxis. O diálogo entre Ricoeur, Agostinho e Aristóteles*, 2013) e define um novo marco referencial tanto para os estudos sobre P. Ricoeur quanto para os dedicados a Tucídides, a começar pela ousadia mesma de explorar o fértil diálogo entre filosofia e historiografia em sua mútua iluminação – algo que o autor consegue com peculiar virtuosismo, assim descortinando para a lusofonia

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

outros tantos horizontes por vezes análogos aos percebidos por F. M. Pires<sup>2</sup> e S. L. R. Rocha<sup>3</sup>.

A obra tem como motivação maior a busca de mais ampla compreensão das imbricações entre modos de construção da narrativa histórica e de verdade factual nos textos de P. Ricoeur e Tucídides. Seguida de um “prefácio” (assinado por M. do Céu Fialho e M. L. Portocarrero), um “preâmbulo”, uma “nota introdutória” e uma “introdução preliminar – História e Histórias”, a primeira parte do livro (“História e ficção em Paul Ricoeur”, pp. 35-395) está subdividida em quatro capítulos (1. “Sob o signo da verdade”; 2. “Explicação histórica e compreensão narrativa”; 3. “História e ficção: por uma poética do tempo”; 4. “Representação e ficção”) e cada um deles, por sua vez, possui variável número de subdivisões. Permeando e articulando todas elas se encontra o reexame crítico de três textos fundamentais de Ricoeur [*Histoire et vérité* (1955); dois dos três volumes de *Temps et récit* (I e III, respectivamente de 1983 e 1985); e *La mémoire, l’histoire, l’oubli* (2000)], sempre pautado por rigorosa reconstrução do percurso teórico do autor, subjacente aos problemas destacados em cada obra (e.g., objetividade e subjetividade; interpretação e verdade, a questão da narrativa etc); e a retomada de diversos teóricos do século XX que influenciaram a produção ricoeuriana, quando não dialogaram diretamente com o filósofo (R. Aron, H.-I. Marrou, M. Bloch, F. Braudel, A. Danto, H. White, P. Veyne, M. De Certeau são talvez os principais nomes de um arrolamento que está longe de ser exaustivo). Maior de entre os quatro capítulos dessa parte, o terceiro é fundamental, por reelaborar a questão da narrativa como “resposta poética à aporética do tempo” (p. 218).

A segunda parte do livro (“História e ficção em Tucídides”, pp. 399-595) é composta por um “preâmbulo: a perenidade da historiografia clássica” e dois capítulos (1. “Tucídides: mestre de verdade” e 2. “Prefiguração, configuração e refiguração da *História da Guerra do Peloponeso*”), ambos também subdivididos. O “preâmbulo” reconstrói brevemente o debate historiográfico que desde meados do século XIX almejou canonizar Tucídides como modelo de historiador para a historiografia moderna. A reconstrução feita no “preâmbulo”, por sua vez, se articula às múltiplas reelaborações

---

<sup>2</sup> PIRES, F. M. *Mithistória*. São Paulo: Humanitas, 1999; *Modernidades tucidideanas II. A Clío tucidideana entre Maquiavel e Hobbes. Os olhares da história e as figuras do historiador*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2014.

<sup>3</sup> “*Logos, writing, and persuasion in Thucydides’ History*”, tese de doutoramento defendida em Londres em 2008.

que tal visão sofreu após o *linguistic turn* e ao longo de todo século XX, reelaborações que haviam sido discutidas no capítulo precedente por muitos dos nomes mencionados ao fim do parágrafo anterior, entre eles o próprio Ricoeur. Já os capítulos seguintes são marcados pela análise cerrada do texto do historiador antigo, com destaque para duas questões centrais que, por simplificação, denominarei de “questão da verdade” e “questão das provas”, correspondendo cada uma respectivamente a cada um dos capítulos dessa parte. A primeira é discutida principalmente a partir do proêmio tucidideano (1.1-23), no qual o historiador polemiza com antecessores, aduz elementos distintivos de sua própria escrita (*e.g.*, grandiosidade, perenidade), elabora problemas que seriam hoje designados como metodológicos (refiro-me ao famoso parágrafo 1.22) e pondera sobre a relação entre sua obra e demais produções análogas então coetâneas. A segunda questão retoma o problema da obtenção, da reconstrução e da inteligibilidade das provas e da própria narrativa historiográfica, tomando por base os problemas da *autopsia* e do *histor* antigos, bem como dos *semeia* e dos *tekmeria* por ele produzidos. Tais problemas são examinados à luz da discussão aristotélica sobre a diferença entre história e poesia (*Poet.*9), dos conceitos retóricos de *ekphrasis* e *enargeia* e, sobretudo, das proposições ricoeurianas relativas à tríplice mimese (ou, como enunciado no título do segundo capítulo, “prefiguração, configuração e refiguração”).

A obra se encerra com uma “conclusão”, com uma “bibliografia” bipartida entre estudos relativos a Ricoeur e a Tucídides, um “índice onomástico” e um “índice de assuntos”, elementos todos que acentuam a clareza e o didatismo que pautam o livro do início ao fim. A brevidade da “conclusão” em relação à extensão da obra (pp. 597-600) dá a medida da habilidade do autor para destilar as questões, ainda – e, por que não?, sempre – as mais desafiadoras sobre o historiador antigo. Delas, destaco duas, tão somente para sinalizar algo da complexidade dos problemas enfrentados ao longo do texto e dos *ktemata* análogos ao do historiador antigo que este livro representa:

*“Tucídides, historiador no sentido grego (histor), é aquele que vê e faz ver. A opsis é ponto de partida e ponto de chegada, é ponto de prefiguração e de refiguração. Pelo meio, fica a mimesis configuracional, mobilizada pela escrita, como elo entre o olho do historiador e a visão interior do leitor. A retórica da visão e da imagem perpassa o seu pensamento e o seu texto” (p. 597);*

*“que história e retórica sempre andaram de boas relações, demonstra-o uma análise da Retórica aristotélica e uma leitura da Arqueologia tucidiana. Mas esta simbiose não significa uma submissão ou dissolução da história na retórica ficcional. Transpondo para a atualidade, dissemos que as provas impedem a história de submergir completamente no campo da retórica ficcional, ao passo que a retórica evita que a história seja apenas um museu, uma crônica ou um glossário. (...) tal como Ricoeur, Tucídides recusa deixar a história render-se à ficção, mas aproveita da ficção o que pode dar valor ético à história e dignificar ainda mais o trabalho do historiador” (p. 598).*

A reprodução literal desses trechos não priva o leitor nem do prazer de fruir, nem do benefício auferido com a leitura paciente do texto. Muito ao contrário, ela apenas visa ressaltar aquele que talvez seja o maior contributo da obra não apenas no âmbito da lusofonia, mas seguramente no dos melhores estudos tucidideanos em nível global, com os quais o livro ombreia em perspicácia e valor. Dois eixos maiores delimitam esquematicamente o plano da obra e, por consequência, tal contributo: a) a concepção da praxe historiográfica como um *meio* entre os discursos ficcional e científico, meio possibilitado pela mimese do real, assim recusando não apenas os exageros dos extremos que ora a querem tão somente artefato subjetivo destituído de valor probatório, ora duplo fiel de um real que jamais se consegue definir com segurança e propriedade; e b) ao alicerçar sobre o conceito-chave ricoeuriano de *representância* – essencial para a reconstrução do horror – toda a argumentação que culmina naquela concepção (“a”), a obra de M. Soares emula as de J. C. Iglesias-Zoido<sup>4</sup> ou de A. Tsakmakis & M. Tamiolaki<sup>5</sup> por exemplo, pela fertilidade da penetração dos aportes literários no âmbito dos estudos tucidideanos, quiçá também nos demais ramos do saber de início apontados.

BRENO BATTISTIN SEBASTIANI  
sebastiani@usp.br

Universidade de São Paulo

<https://orcid.org/0000-0002-3777-6086>

[https://doi.org/10.14195/2183-1718\\_72\\_10](https://doi.org/10.14195/2183-1718_72_10)

---

<sup>4</sup> IGLESIAS-ZOIDO, J. C. *El legado de Tucídides en la cultura occidental – discursos e historia*. Coimbra: CECH, 2011.

<sup>5</sup> TSAKMAKIS, A.; TAMIOLAKI, M. (ed.). *Thucydides between history and literature*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2013.